

# EVA SOBRE EVITA: O PAPEL DE HISTORIADORA E ESCRITORA CRÍTICA EM *A COSTA DOS MURMÚRIOS*<sup>1</sup>

## EVA ABOUT EVITA: THE ROLE OF HISTORIATOR AND CRITICAL WRITER IN *A COSTA DOS MURMÚRIOS*

Henrique Barbosa Borgato<sup>2</sup>

**RESUMO:** Escrito por Lídia Jorge, em 1988, *A costa dos murmúrios* apresenta a personagem Eva Lopo, que observa externamente sua vida, durante seu casamento com um militar português e sua estadia na África, no início dos anos 1970. Ao longo do romance, é perceptível o trabalho teórico e analítico que a narradora-personagem faz a respeito de seu próprio passado. Essas características narrativas permitiram a identificação de uma semelhança com a definição teórica de **historiador** que Leyla Perrone-Moisés faz. Além disso, o conceito de **desconstrução** de Culler também está presente, quando Eva desconstrói inúmeros ideais, como o discurso militar. O presente trabalho focou dois objetivos: identificar o **escritor-crítico** ou **historiador**, teorizado por Leyla Perrone-Moisés, e também a **desconstrução**, teorizada por Culler.

**Palavras-chave:** Historiador. Escritor-crítico. Desconstrução.

**ABSTRACT:** Written by Lídia Jorge in 1988, *A costa dos murmúrios* presents the character Eva Lopo, who observes her life externally during her marriage to a Portuguese military and her stay in Africa in the early 1970s. Along the novel, the theoretical and analytical work that the character-narrator does about her own past is noticeable. These narrative characteristics allowed the identification of a similarity with the theoretical definition of **historian** that Leyla Perrone-Moisés does. In addition, Culler's concept of **deconstruction** is also present, when Eva deconstructs innumerable ideals such as military discourse. The present work focused on two objectives: to identify the **critical writer** or **historian** theorized by Leyla Perrone-Moisés and also the **deconstruction** theorized by Culler.

**Keywords:** Historian. Critical writer. Deconstruction.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 20 de abril de 2020 e aceito em 24 de junho de 2020. Texto orientado pelo Prof. Dr. Evanir Pavloski (UEPG).

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Letras (Estudos da Linguagem) da UEPG.



## INTRODUÇÃO

*A costa dos murmúrios*, escrito por Lídia Jorge e publicado em 1988, expõe uma fração da história da protagonista. Em determinado tempo presente, Eva Lopo observa com a percepção atual a vida de Evita – como era chamada antigamente – durante seu casamento com um militar português e sua estadia na África portuguesa no início dos anos 1970, em meio à guerra colonial.

Devido a essa escrita de tom autobiográfico – ainda que fictício –, é possível perceber que, em variados pontos do romance, Eva Lopo trabalha de forma quase que teórica ou analítica a respeito de seu próprio passado e de como fluíam as coisas. Essa característica narrativa permitiu que fosse identificada uma semelhança com o que Leyla Perrone-Moisés, por meio de outros teóricos, como Gustave Lanson, virá a chamar de **historiador**.

O objeto dos historiadores é o passado: um passado do qual só subsistem índices e restos, com a ajuda dos quais reconstitui-se sua ideia. Nosso objeto também é o passado, mas um passado que permanece: a literatura é, ao mesmo tempo, passado e presente. (LANSON, 1975, p. 33)

Eva também reconstitui o passado, com base nos índices e restos das memórias de Evita. E esse passado torna-se, de certa forma, parte do seu presente, inclusive por meio da literatura – o livro em si.

É importante frisar que Lídia Jorge não planejou as coisas, tendo em vista esse paralelo que aqui foi traçado. Lídia não faz teoria literária. Já Leyla Perrone-Moisés trabalha a perspectiva historiográfica a partir da teoria, amparando-se em vários outros autores. O livro *A costa dos murmúrios* é fictício e serve apenas como material literário.

Todavia, ainda que Eva Lopo, dentro da diegese, não teorize a respeito de literatura, é possível rastrear traços de teoria literária dentro da narrativa. Eva possui um perfil semelhante ao de historiadora, ou escritora-crítica, como propõem Leyla e seus suportes teóricos.

“(…) o escritor é ao mesmo tempo historiador e o agente de sua própria linguagem”. Ao escrever sua obra, o novo autor prossegue uma história que deve estar consciente; e, ao mesmo tempo, ele a transforma, e até certo ponto a nega, pelo novo rumo que lhe imprime. É a consciência dessa ambivalência ou ambiguidade (a do historiador-agente) que



leva os escritores a assumirem também o papel de críticos. Selecionando e comentando certos autores do passado, eles visam estabelecer sua própria tradição, situar-se na história para nela intervir mais efetivamente. Assim fazendo, os escritores críticos procedem a uma releitura e a uma reescritura da história literária. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 26)

Eva Lopo parece ter o desejo de fazer uma releitura de sua história, de assumir um papel crítico a respeito das coisas que a cercaram no passado, inclusive a guerra colonial e suas consequências. É isto que faz com que Eva Lopo possa ser analogamente considerada uma historiadora ou escritora crítica: seu posicionamento presente e crítico a respeito do próprio passado.

Sua narrativa conta com detalhes que permitem notar a falta de uma neutralidade, recurso recorrentemente utilizado pelos historiadores e críticos. E a vontade de contradizer a história prévia *d'Os gafanhotos* toma contorno, especialmente no fim do livro, quando ela **anula** a história.

O presente trabalho não tem o interesse de permear por entre vários bosques teóricos, mas focar apenas um, que é o conceito de **escritor-crítico** ou **historiador**, de Leyla Perrone-Moisés. Todavia, antes da análise, é interessante notar que o trabalho de Eva – a personagem fictícia, narradora do livro – faz também, de certa forma, uma desconstrução, conforme prega Culler.

A desconstrução não pode limitar-se ou passar imediatamente para uma neutralização: deve, através de um duplo gesto, uma dupla ciência, uma dupla escrita, praticar uma *reviravolta* da oposição clássica e um *deslocamento* geral do sistema. (...). A desconstrução não consiste em passar de um conceito para o outro, mas em modificar e em deslocar uma ordem conceitual assim como uma ordem não-conceitual à qual se articula. (DERRIDA, 1991, p. 372, ênfase no original)

Há uma oposição na ordem hierárquica. Se Evita era submissa ao noivo militar e a toda a autoridade que ele – e o capitão Forza Leal – representava, agora, com o relato presente de Eva Lopo, não há forças hierárquicas sobre ela. Não há uma autoridade opressora. E o próprio fato de trabalhar com o seu passado também pode ser visto como uma forma de desconstruí-lo, ainda assim lidando com ele (uma vez que o passado, em termos lógicos, é imutável, mas não ininterpretável).



(...) desconstruir um discurso é mostrar como ele mina a filosofia que afirma, ou as oposições hierárquicas em que se baseia, identificando no texto as operações retóricas que produzem o fundamento da discussão suposto, o conceito chave ou premissa. (CULLER, 1997, p. 100)

Eva também desconstrói o discurso militar proposto pelos portugueses que viam os africanos como indigentes ou coisa do tipo. Também desconstrói *Evita*, afirmando, em diversos momentos, coisas que ela não devia ter feito, ou não gostou de ter feito.

Enfim, em *A costa dos murmúrios*, nota-se um trabalho não oficialmente teórico, mas com requintes de escrita-crítica, historiografia e também desconstrução.

## EVA DENTRO DA NARRATIVA

A princípio, há uma espécie de conto, denominado *Os gafanhotos*, de autoria fictícia, que faz um paralelo com a história de *Evita*. Não se trata de um resumo, mas talvez uma versão menos complexa da história, como quem deseja falar, em terceira pessoa, de outrem.

Aí sim acompanhamos Eva, em sua história, enquanto ela faz um mergulho nas águas de seu próprio passado, tal como expõe, logo no primeiro capítulo.

Para o escrever desse modo, deve ter feito uma viagem trabalhosa a um tempo onde qualquer outro teria dificuldade em regressar. Pelo que me diz respeito, o seu relato foi uma espécie de lamparina de álcool que iluminou, durante esta tarde, um local que escurece de semana a semana, dia a dia, à velocidade dos anos. Além disso, o que pretendeu clarificar clarifica, e o que pretendeu esconder ficou imerso. (JORGE, 2004, p. 41)

A partir disso, a personagem de Eva vai nos trazendo todo o relato do tempo em que vivia na África colonizada pelos portugueses. A personagem acaba descrevendo alguns feitos macabros, como o assassinato em massa de africanos com vinho envenenado, ou as fotos que Helena – esposa do



capitão Forza Leal – acaba mostrando à Evita, nas quais apareciam soldados, dentre os quais o próprio marido, próximo a cabeças empaladas e corpos degolados de colonizados africanos.

Ao longo de toda a narrativa, Eva tece sutis comentários a respeito de Evita, que demonstra sua posição crítica em relação à personagem do passado, como no trecho em que diz:

A única abstracção seria a hesitação de Evita ao entrar — não devias ter vindo, não devias ter vindo. Estava contudo demasiado próximo do enigma para recuar. Foi essa mainata quem a conduziu até um longo *living* onde havia uma excessiva frescura, e dentro da frescura estava Helena. Evita não devia ter entrado na frescura. Evita era eu. Explicar por que razão não devia ter entrado é tarefa difícil. Repare que houve um primeiro momento em que ela não se arrependeu de ter entrado. (JORGE, 2004, p. 98)

Em alguns trechos, Eva Lopo admite certo arrependimento de ter feito algumas das coisas que fez no passado. Talvez porque algumas das coisas eram demasiadamente pesadas para serem aceitas por Evita, como as fotos do marido ao lado dos corpos mutilados ou, no caso, a própria violência vigente na época. Essa questão, a de arrepender-se de alguns fatos passados e tocar neles com o que se compreende do mundo, no momento presente, é trabalhada por Leyla, em *Altas literaturas*.

No caso do escritor-crítico, não é a ambição de uma visão ideal e total do passado que o guia, mas a premência de uma escolha, a necessidade de se situar, orientar e valorizar sua própria ação presente. O passado é convocado ao momento presente, com vistas a uma práxis imediata e futura. A "verdade" e a importância dos "fatos" não dependem aí de nenhuma visão demiúrgica ou científica, mas apenas de seu confronto com uma práxis atual. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 26, ênfase no original)

É interessante notar a diferença entre essas duas visões, ou melhor, duas práxis, entre Eva e Evita. Há coisas que Eva teria, sem dúvida, evitado. E há questionamentos que Evita nunca havia erguido durante sua época, vivendo na África colonial. Esta é a importância do escritor-crítico: retomar aquilo



que já foi escrito (nesse caso, sua própria história) com um posicionamento diferente daquele original. Apesar disso, é mais do que importante retomar o fato **quase-óbvio** de que o escritor-crítico em hipótese alguma será neutro, tal como Leyla explica.

Na história que eles reescrevem não há nenhuma preocupação com uma objetividade decorrente da neutralidade do observador, nem com uma totalidade, nem com a definitiva ordenação dos fatos. Apenas, o conjunto de seus ensaios críticos vai formando certas figuras que configuram uma revisão da história literária. Essa "história" é de imediato mais liberta de certas injunções tradicionais da historiografia, justamente aquelas que provocaram um mal-estar e um conseqüente transtorno na filosofia e na metodologia dessa disciplina em nosso século. O escritor escreve uma história seletiva, para si mesmo e para aqueles que lêem ou escrevem em seu próprio momento histórico. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 26-27, ênfase no original)

Eva não se preocupa em manter-se neutra perante sua historiografia, mas preocupa-se em tecer comentários que identificam quem ela era, bem como quem ela é num tempo presente.

Nenhum escritor-crítico/historiador **pode** ser neutro porque sempre escolherá um ponto de vista para contar uma história. Especialmente nesse caso, Eva narra a história a partir de seu ponto de vista, contrastando inclusive com a história que é contada no conto *d'Os gafanhotos*, como, por exemplo, a maneira como seu noivo, o alferes, morre – ou é encontrado morto. Nas palavras da própria narradora.

A frouxa policia marítima manda dizer que se encontrou o corpo do alferes, muito para lá da Ponta Gea — Deixe ficar aí, suspenso, sem qualquer sentido útil, não prolongue, não oiça as palavras. A pouco e pouco as palavras isolam-se dos objectos que designam, depois das palavras só se desprendem sons, e dos sons restam só os murmúrios, o derradeiro estádio antes do apagamento — disse Eva Lopo, rindo. Devolvendo, anulando *Os Gafanhotos*. (JORGE, 2004, p. 287)



O simples ato de anular *Os gafanhotos* significa a própria parcialidade de Eva, identificada neste trabalho como uma escritora-crítica e/ou historiadora.

## O PAPEL DE EVA: HISTORIADORA OU ESCRITORA-CRÍTICA

O que torna Eva ainda mais historiadora ou crítica é o fato de resolver recontar essa história 20 anos depois de ela ter ocorrido. É a necessidade de escavar e trazer à tona aquilo que talvez não estivesse finalizado por uma série de fatores, como, por exemplo, a liberdade e a possibilidade de uma mulher posicionar-se em relação a um assunto e ambiente tão machista quanto o de uma guerra, cujos interesses são predominantemente políticos e nefastos.

Eva, agora de volta à pátria portuguesa, teve a oportunidade de refazer seus passos longe do ambiente inóspito no qual estava inserida. Se antes ela não podia tecer quaisquer comentários a respeito da guerra ou dos envolvidos nela, sem que fosse repreendida, agora a possibilidade de falar aquilo que outrora não pudera recair em suas mãos como um presente ganho em hora oportuna.

Outra observação oportuna é que, embora o livro *A costa dos murmúrios* não faça parte do cânone ocidental, possui algumas das características presentes em todo cânone, como o fato de trabalhar com um assunto que é atemporal, tal como a guerra, violência, o romance ou a falta dele.

Esse assunto – a falta de amor – inclusive, é interessantemente retomado por Eva, em vários momentos, nos quais ela questiona alguns valores sobre os quais, na época, Evita talvez não tivesse pensado a respeito. Um desses momentos é quando ela cogita se todos os homens achavam Helena um mero pedaço de carne, diferentemente da maneira como ela a via.

Nada do que penso é um julgamento, mas apenas uma contestação. Agora, se o capitão entrasse, ele seria o bom matador, cicatrizado, com uma grande bala folicular à cintura. Mas se Helena de Tróia em vez de encontrar um capitão num baile de Carnaval tivesse encontrado um talhante? Seria que o talhante a via como uma rés? Seria que amá-la seria procurar nela a carne do bife mais tenro? Com a ponta da sua faca de carne? E o homem do lixo? Como seria o homem do lixo? Veria o homem do lixo Helena como uma peça de entulho a cobrir de estrume? O homem do lixo enterrá-la-ia sob si



mesmo, e o seu sexo seria apenas a forquilha que a ia enterrando de estreme? (JORGE, 2004, p. 246-247)

Todas essas dúvidas elencadas surgem a partir não de Evita, mas de Eva, que está no papel de uma telespectadora crítica. É com o posicionamento que ela detém agora que ela se importa em cogitar o papel de Helena – e talvez da mulher como um todo – naquele ambiente excessivamente machista – como já fora comentado. Aos olhos dos outros, Helena não passava de um pedaço de carne. Aos olhos dos portugueses os africanos não passavam de pedaços de carne. E é por isso que a história de *A costa dos murmúrios* é pesada, crua, com diversos momentos indigestos – como quando o capitão bate no rosto da esposa (Helena) para demonstrar superioridade aos demais, sem que estes nada façam.

Enfim, analogicamente, Eva faz como sugere Leyla: “O cânone, como a cultura, segue seu caminho. O que podemos fazer é contribuir para que esse caminho não seja desprovido de memória e de projeto” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 202). Ela contribui. Contribui para que sua história (ou sua cultura, ou a cultura daquele lugar onde estivera inserida) não seja desprovida das memórias que a cercam; para que as coisas do passado nunca sejam esquecidas; para que as suas experiências – e a dos outros também – não sejam apagadas, como se não tivessem valor algum.

No primeiro capítulo do livro de Leyla, a autora cita Eliot, ao relacionar o presente com o passado.

“O passado deveria ser alterado pelo presente tanto quanto o presente é dirigido pelo passado”, diz Eliot. A alteração do passado constitui uma revolução considerável nas relações dos novos com a tradição. A tradição deixa de ser um dom ou um fardo, ela tem de ser recriada, conquistada. O poeta cria para si mesmo uma tradição, estabelecendo relações sem as quais o passado e ele mesmo careceriam de significação e de valor. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 31)

Ao que parece, é isso que Eva tenta fazer: alterar – mesmo que minimamente – o passado, reconhecendo-o no presente, e alterar o presente, reconhecendo-se no passado. O livro, portanto, é, além de tudo, um trabalho de autoconhecimento de uma mulher, no período da África colonial, e uma análise das consequências que sua vida como **Evita** viriam causar – transformando-a – em **Eva Lopo**, que, aos olhos deste artigo, é, além de narradora-personagem do livro de Lídia Jorge, também escritora-crítica e historiadora.

---

*Scripta Alumni* - Uniandrade, n. 23, 2020. ISSN: 1984-6614.

<http://uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/ScriptaAlumni/index>



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).



## CONCLUSÃO

*A costa dos murmúrios* é um livro de memórias fictícias inacabadas que são revisitadas por Eva Lopo – e também por nós, leitores – enquanto ela faz uma série de comentários, críticas e formulações a respeito de Evita, sua versão passada, que viveu em um ambiente machista, opressor e violento da África colonizada pelos portugueses.

O presente artigo teve como intuito comparar, fazer uma analogia (consciente de que são coisas muito distintas) entre o papel de **narrador-personagem** de Eva Lopo e o papel de escritor-crítico ou historiador, que Leyla Perrone-Moisés exemplifica, em seu livro *Altas literaturas*, como se Eva fosse, além de personagem, também escritora da sua própria história – ainda que fictícia.

O resultado foi o esperado. Em diversos momentos do livro, existem elementos característicos dos escritores-críticos ou historiadores que produzem teoria literária, ainda que – dentro do livro, da diegese – não haja a intenção para tal, como prega Leyla no último capítulo – denominado *A modernidade em ruínas* – de seu livro já citado previamente.

Os escritores-críticos modernos demonstraram, em suas obras, a importância de uma tradição viva e de um projeto futuro, utópico, talvez, mas indispensável para que a cultura – e os homens – não avance às cegas. Eles acreditavam em coisas que a grande literatura nos pode dar: ampliação do imaginário, encontro com o outro e autoconhecimento, capacidade de impressão e de expressão, visão crítica do real, emoção estética, felicidade da palavra que nos faltava e nos é dada. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 214)

Embora não haja teoria envolvida na diegese, Eva Lopo parece também acreditar que a literatura, ou o seu relato para nós, leitores, possa prover autoconhecimento, capacidade de impressão e expressão, visão crítica daquilo que fora real na época de Evita (como a violência portuguesa, a guerra), além da palavra que lhe faltava, mas que, agora, como Eva Lopo, fora concedida a ela. Eva pôde recontar sua história, fazê-la continuar.

Para Butor, escrever é continuar, é considerar as obras do passado como inacabadas, fragmentos solicitando uma completude ideal, situada no futuro. O escritor, para ele,



participa de uma grande obra coletiva, prosseguida numa linha temporal ininterrupta. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 35)

Decidindo que aquela história não estava acabada, recontou-a. De modo diferente à *d'Os gafanhotos*. Mais crua, mais realista, mais detalhada. E é isso que, para este trabalho, considera-a digna do título de escritora-crítica ou historiadora.

## REFERÊNCIAS

CULLER, J. A desconstrução. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997, p. 99-127.

DERRIDA, J. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.

JORGE, L. *A costa dos murmúrios*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LANSON, G. *Essais de méthode et de critique littéraire*. Paris: Hachette, 1975.

PERRONE-MOISÉS, L. A modernidade em ruínas. In: \_\_\_\_\_. *Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 174-215.

\_\_\_\_\_. História literária e julgamento de valor. In: \_\_\_\_\_. *Altas literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 19-58.

